

# As noites performáticas no Festival Junino *Jeca Tatu* de Parauapebas

Ivan Vale de Sousa <sup>i</sup>

Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador/BA, Brasil <sup>ii</sup>

## Resumo - As noites performáticas no Festival Junino *Jeca Tatu* de Parauapebas

As reflexões neste trabalho evidenciam as quadrilhas juninas de Parauapebas, sudeste do estado do Pará, objetivando: (i) apresentar o contexto de origem da festa junina; (ii) refletir como as modificações na dança ocorreram ao longo do tempo; (iii) correlacionar a forma de dançar das quadrilhas juninas tradicionais com a semelhança dos povos originários Xikrins do Cateté; (iv) descrever a corporeidade, os elementos visuais e sonoros da cena performática apresentada pelas danças de quadrilhas de Parauapebas, demonstradas no Festival Junino *Jeca Tatu*, organizado pela Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas e Região (LIAJUPER) no fazer junino. Utilizamos como metodologia e abordagem alguns teóricos sobre o tema, mas sem exaustão, pois a intenção é visibilizar a organização do festival no município. Assim, entende-se que as estéticas e as poéticas das quadrilhas juninas sejam vistas na urgência de políticas culturais amplas na cidade.

**Palavras-chave:** Quadrilhas juninas de Parauapebas. Liajuper. Festival junino.

## Abstract - The performance nights at the Festival Junino *Jeca Tatu* of Parauapebas

The reflections in this work show the June festival dance groups of Parauapebas city, southeast of the state of Pará, aiming to: (i) to present the context of origin of the June festival; (ii) to reflect on how changes in dance occurred over time; (iii) to correlate the way of dancing of traditional June square dances with the similarity of the original Xikrins do Cateté people; (iv) to describe the corporeality, visual and sound elements of the performance scene presented by the Parauapebas square dances, demonstrated at the Junino *Jeca Tatu* Festival, organized by the Liga das Associações Juninas of Parauapebas city and Region (LIAJUPER) in the June festival. We used some theorists on the subject as a methodology and approach, but without exhaustion, as the intention is to make the organization of the festival visible in the municipality. Thus, it is understood that the aesthetics and poetics of the June dance groups are seen in the urgency of broad cultural policies in the city.

**Keywords:** June festival dance groups of Parauapebas. Liajuper. June festival.

## Resumen - Las noches de actuación en el Festival Junino *Jeca Tatu* de Parauapebas

Las reflexiones de este trabajo muestran las cuadrillas juninas de Parauapebas, sureste del estado de Pará, con el objetivo de: (i) presentar el contexto de origen de la fiesta junina; (ii) reflexionar sobre cómo ocurrieron los cambios en la danza a lo largo del tiempo; (iii) correlacionar la forma de bailar de las tradicionales danzas de cuadrilla de junio con la similitud del pueblos originales Xikrins do Cateté; (iv) describir la corporalidad, los elementos visuales y sonoros de la escena escénica presentada por las danzas cuadradas de Parauapebas, demostradas en el Festival Junino *Jeca Tatu*, organizado por la Liga das Associações Juninas de Parauapebas e Região (LIAJUPER) en el festival de junio. Utilizamos algunos teóricos sobre el tema como metodología y enfoque, pero sin agotamiento, ya que la intención es visibilizar la organización de la fiesta en el municipio. Así, se entiende que la estética y poética de las juninas se ve en la urgencia de amplias políticas culturales en la ciudad.

**Palabras clave:** Cuadrillas juninas de Parauapebas. Liajuper. Festival junino.

*O balão vai subindo, vem caindo a garoa. O céu é  
tão lindo e a noite é tão boa. São João, São João,  
acende a fogueira do meu coração*

Carlos Braga e Alberto Ribeiro

## Introdução

Não é este mais um trabalho referente às festividades e manifestações populares das quadrilhas juninas realizadas no diverso e multicultural território brasileiro. É um estudo que destaca as influências dos povos originários Xikrins do Cateté, localizados no território municipal, que como herança cultural, as performances juninas, principalmente no estilo de dançar das quadrilhas<sup>1</sup> caipiras, rememora com o modo próprio das identidades e das batidas dos pés no chão uma representação dos modos como esses povos originários realizam as próprias comemorações e essas características tornam singularidades na produção deste texto.

Os povos originários Xikrins do Cateté tem as terras indígenas inseridas no território da cidade de Parauapebas, uma vez que a cultura indígena está presente no contexto social da cidade, pois são possíveis visibilizar alguns povos indígenas durante algumas comemorações, como nos momentos cívicos realizados em Parauapebas, além de que existe também um departamento na Secretaria Municipal de Educação que se preocupa com a escolarização desses povos nas próprias aldeias, e por manter essa proximidade, entendemos que a maneira como as quadrilhas juninas tradicionais caipiras dançam, rememoram a forma como os povos originários Xikrins do Cateté realizam as próprias festividades, dançando com uma forte batida dos pés no solo.

Nessa perspectiva, as pretensões deste trabalho atribuem semelhanças como dançam os povos originários à luz de um processo de adaptação das quadrilhas juninas tradicionais caipiras, em que os grupos juninos inseridos nessa modalidade levam para as quadras juninas uma realização performática de um contínuo processo de adaptação, rememorando características pertencentes aos povos originários, além de promover as possíveis adaptações no formato de dançar, sem omitir a existência de uma significativa homenagem à importância desses povos para o processo histórico e cultural do país.

Além de cumprir a função de documentar como o movimento junino em Parauapebas vem sendo promovido, este trabalho parte das finalidades propositivas de refletir como a

---

<sup>1</sup> Durante as reflexões deste trabalho utilizarei a expressão “agremiações juninas”, fazendo referência à dança de quadrilhas nos festejos de São João do município de Parauapebas, sudeste do estado do Pará.

cultura junina rediscute a identidade cultural no município, visto que é uma cidade com um processo cultural em construção, devido à imigração de muitas pessoas de outras cidades, estados e países em busca de condições melhores de sobrevivência, já que em Parauapebas ainda se encontra a maior jazida de minério a céu aberto na Floresta Nacional de Carajás e sendo que as arestas deste estudo não trazem a exemplificação minuciosa de cada uma das modalidades das agremiações juninas que se formam na cidade, nem parte de uma proposta metodológica de análise de *corpus*, mas da reflexão da gênese das festividades juninas às questões contemporâneas do movimento cultural junino que se estabelece no município.

Diante disso, as reflexões inseridas neste estudo estão centradas em duas seções discursivas: (i) partimos das origens da festa junina às principais características das agremiações juninas da cidade de Parauapebas, descrevendo e analisando os fatores que tornam o festival parauapebense uma singularidade nas discussões sobre os festejos juninos; (ii) pontuamos também a importância que a Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas e Região (LIAJUPER) tem na organização e na orientação do movimento das quadrilhas no município paraense.

### **A gênese da festa junina à luz das transformações culturais contemporâneas**

Nos meses de junho e julho no Brasil a festa junina representa o foco de comemorações, considerando as características próprias de cada região e cidade brasileira que juntas comemoram os festivos meses a partir de uma grande festa, apresentando na tradição e na diversão dos brincantes aos visitantes das manifestações. Nesse sentido, há uma predominância em algumas partes do país em que há competições das chamadas quadrilhas juninas em que os brincantes se preparam ao longo de meses para dançarem e disputarem em festivais nacionais, regionais, intermunicipais e municipais.

Na realidade, a qualidade tanto das festas quanto das quadrilhas juninas que conhecemos hoje veio e continua ao longo do tempo passando por transformações no que se refere às vestimentas, aos modos de dançar e as adequações às exigências dos festivais Brasil afora. Mesmo com as mudanças que ocorrem nas formas de transposição e perpetuação dessa manifestação, as quadrilhas juninas reinventam-se a cada ano com a finalidade de surpreender o público, impressionar os jurados e conquistarem o tão sonhado título e consagração.

A festa junina é conhecida por retratar as comemorações de três santos católicos: Santo Antônio, São João e São Pedro, sendo comemorada de maneira diversa em várias partes do país. Como manifestações culturais, as festividades juninas são celebrações realizadas entre os meses de junho e julho em várias partes do Brasil, tendo como origem a Europa, que durante a Idade Média se cristalizou como autêntica festa de São João, caracterizando-se como evento de cunho religioso na exaltação de santos católicos de Portugal.

No período colonial, a festa junina chegou às terras brasileiras, ganhando formas próprias de interpretação, características de cada região e desprendendo-se de seu caráter religioso, assumindo com isso uma cultura, porque caiu nas graças do povo. Nesse sentido, a característica de multiculturalismo atribuída aos festejos juninos demonstra a diversidade das culturas que podem ser reunidas em uma mesma comemoração com elementos distintos e rememorando os costumes da história do povo brasileiro.

De acordo com Chianca (2007), sabe-se que a festa junina que conhecemos hoje tem como gênese a herança trazida pelos portugueses para o Brasil ainda no período colonial, época em que o território brasileiro se constituía apenas como uma colônia do império da Coroa Portuguesa. E ao chegar às terras brasileiras, a festa junina rapidamente incorporou os costumes indígenas e afro-brasileiros que com o passar do tempo tornou-se diversificada e com características próprias de cada região do país.

Nessa perspectiva, os modos de dançá-la começaram, primeiramente com o povo e, posteriormente, passou a ser adotada nas festas palacianas, não da forma como a conhecemos na atualidade, mas como forma de dança com alto requinte. Nesse sentido, os portugueses que detinham o poder à época transformaram a festa junina, isto é, os modos de dançar como sendo características da burguesia, embora o povo a realizasse de maneira diferenciada, demarcando costumes e tradições nas formas como era dançada a quadrilha “provavelmente nesse momento a quadrilha teria sido abolida das festas dos cidadãos ricos, continuando a ser dançada pela população mais distante dos grandes centros urbanos, os interioranos – geograficamente e simbolicamente defasados com suas danças já fora de moda” (Chianca, 2007, p. 50).

Ainda conforme Chianca (2007), nesse período em que a dança fora abolida das festas cidadinas e continuava sendo dançada pela população, a dança palaciana alcançou outros territórios, sujeitos e costumes diferentes dos que eram promovidos nas cortes. O povo

acrescentava aos poucos as formas próprias de dançar a quadrilha, atribuindo-lhe modificações e características próprias do contexto dos cidadãos interioranos.

Ao considerar as influências que a partir do momento em que as danças de quadrilha passaram a ser praticadas pelo povo como expressão artística, tornaram-se amplas, recepcionando outras características na ampliação dessa festividade, entre essas especificidades estavam os modos de dançar das pessoas menos favorecidas e os estilos das vestimentas, que passaram a se diferenciar, até mesmo pelas condições, fugindo da pomposidade da dança palaciana, realizada nos palácios, em as roupas luxuosas representavam tudo o que a população menos favorecida detinha.

Mesmo que não se tenham fatos sobre a real origem da festa junina, a temática ainda continua como uma porta aberta para pesquisas, pois não se sabe ao certo quando de fato teve início, embora, pouco divulgado é que elas surgiram ainda no período pré-gregoriano na Europa, como autêntica marca de festa pagã cuja finalidade era a comemoração da fecundidade da terra e das boas colheitas, sendo que essa comemoração ocorria sempre durante o solstício de verão, que acontecia mais precisamente no dia 24 de junho de cada ano.

Eram rituais para que a colheita fosse farta e para abençoar o próximo período agrícola. Era período de congraçamento, de partilha e estabelecimento de alianças entre as comunidades. Eram rituais de fartura e abundância em todos os sentidos, no âmbito alimentar e na relação entre as famílias: casamentos, batizados e compadrio. Na festa junina contemporânea, estão presentes algumas das figuras mais populares do catolicismo. No hemisfério norte o solstício de verão era o auge do período ritual e do trabalho agrícola coroado pela colheita (Rangel, 2008, p. 18).

Nesse sentido, a gênese da festa junina que conhecemos na contemporaneidade como característica de uma festa pagã, que depois passou a adquirir caráter religioso introduzido pelo cristianismo e destacando a cristandade peculiar na figura dos três santos juninos pela Igreja Católica (Santo Antônio, São João e São Pedro). Assim, pontua-se que as festividades juninas tiveram como possibilidade de “origem no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão, início das colheitas” (Amaral, 1998, p. 159).

Nessa perspectiva, entende-se, conforme Chianca (2007), que a festa junina começou a se expandir na Europa por conta da influência da Igreja Católica que representava a religião da corte, passando a tomá-la como forma de catequização por via de atribuição da figura religiosa de três santos que seriam comemorados nesse período festivo. Assim, ao chegar no Brasil, as coisas não ocorreram de maneira diferente por meio dos portugueses a tradição desembarcou em meados do século XVI, durante o período de colonização.

Sendo assim, devido ao grande poderio da Igreja Católica, essa tradição passou a receber um viés religioso com a inserção das figuras sacras de Santo Antônio, em 13 de junho, São João 24 e São Pedro, 29. Apesar de a Igreja tentar centrar as comemorações em um propósito de promessas e orações, o povo passou a caracterizá-la com os próprios costumes, tradições e danças que logo passaram a ganhar notoriedade sobre a relevância das tradições juninas.

Além disso, cabe dizer que a festa junina representava a marca de que o povo poderia comemorar as grandes colheitas, além de agradecê-la, mas não ficou apenas nisso, teve-se início a quadrilha junina, sendo originária na Inglaterra no século XIII, que posteriormente foi incorporada, bem como adaptada à cultura e tradição francesa, desenvolvendo-se nas danças de salão a partir do século XVIII, pressupondo compreender que a dança quadrilha seja “originária de uma contradança de mesmo nome trazida ao Brasil pela corte imperial e teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada” (Chianca, 2007, p. 50).

Ainda, nesse sentido, e de acordo com as reflexões de Chianca (2007), a quadrilha junina é retratada como dança coletiva de origem europeia, a adaptação de uma dança inglesa *Country Dance*, que passou a ser denominada de *Contredance Française*, na França.

Um dos elementos da festa junina é a quadrilha que no Brasil não se realiza de uma mesma forma, visto que cada região apresenta estilos próprios de dançá-la. Em São Luís, capital do Maranhão, por exemplo, há a predominância do bumba meu boi no período junino, em outras localidades, tais como Caruaru, Campina Grande, interiores do Maranhão, Ceará, Pernambuco, Pará, entre outras localizações há a predominância das quadrilhas e as danças folclóricas, como o carimbo, o cacuriá, o lundu e o tambor de crioula.

Na cultura junina não há predominância apenas da quadrilha junina, há outras formas características que tornam as comemorações amplas, como os tipos de dança junina, por exemplo, o arrasta-pé criado no século XIX, tendo influências dos ritmos europeus; o forró, expressão artística referente tanto ao modo de dançar quanto de estilo musical, a quadrilha que demarca o lugar e a essência das tradições juninas, o ritmo baião criado na década de 1940, de origem nordestina, além da dança de fitas, do xaxado e do xote.

O que conhecemos como festas juninas teve origem nas festas populares dos santos de Portugal, principalmente, São João, sendo que as comemorações seriam uma homenagem a

São João que de início teve como identidade festas São Joaninas, fazendo menção ao santo católico São João.

A própria história das festas juninas é rica e complexa, e acredita-se que ela remonte a antes mesmo do surgimento do cristianismo. Os povos da Europa pré-cristã conduziam celebrações coletivas relacionadas principalmente aos ciclos da natureza e ao calendário agrícola, uma vez que no Hemisfério Norte o mês de junho marca o início do verão e o período de colheita. Essas festividades tradicionais representavam um desafio aos missionários cristãos que percorriam o continente na Antiguidade Tardia e na Idade Média (Jorge, 2023, p. 1).

A mudança de joaninas para juninas perpetuou-se nas culturas das diferentes regiões do Brasil e as características denominadas caipiras foram sendo associadas às comemorações juninas no território brasileiro, visto que a festa junina na Europa era dançada de maneira totalmente diferente dos estilos apresentados na contemporaneidade, as vestimentas eram luxuosas por se tratar de uma comemoração da elite palaciana que ao se tornar popular assumiu características mais próximas da identidade do povo.

É nessa concepção de aproximação e valorização das culturas que a prática de realizar as fogueiras, hoje por questões ambientais não são mais vistas como eram durante as comemorações, em que o elemento fogo ganha grande destaque, remontando o que os jesuítas já faziam, conforme destacamos no excerto seguinte.

Quando os portugueses iniciaram o empreendimento colonial no Brasil, a partir de 1500, as festas de São João eram o centro das comemorações de junho. Alguns cronistas contam que os jesuítas acendiam fogueiras e tochas em junho, provocando grande atração sobre os indígenas. No Brasil essa época coincidia com a realização de rituais mais importantes para os povos que aqui viviam referentes à preparação dos novos plantios e às colheitas (Rangel, 2008, p. 21).

Os significados das festas juninas no Brasil se ampliaram e assumiram as características próprias de cada local e da cultura regional, sendo que os principais símbolos das tradições juninas são as fogueiras, as bandeirolas, os balões, as quadrilhas, os fogos de artifícios, as brincadeiras, como o pau-de-sebo, a lavagem dos santos, o correio elegante, o casamento e as bandeiras dos santos como símbolos e comemoração das festividades juninas que conhecemos na atualidade.

Na atualidade não é muito comum ver as fogueiras nas noites de São João, talvez por uma questão mais ambiental que cultural, mas os diferentes estilos de fogueira como quadrada, retangular e redonda são tidos como marcas de uma antiga tradição das festas juninas em que as pessoas se tornam compadres, comadres e padrinhos.

Nesse sentido, é necessário conhecermos o Projeto de Lei nº 943, de 2019, de autoria do Sr. Fábio Mitidieri, Câmara dos Deputados, que reconhece as Festas Juninas como

manifestação da cultura nacional, que aborda como umas das justificativas a importância e simbologia dos elementos juninas. Há muitos anos, as bandeiras surgiram para ornamentar as grandes, entre elas, as “bandeiras coloridas que traziam as imagens dos três Santos Juninos. Essas bandeiras costumavam ser mergulhadas em bacias ou lagos com a ideia de purificação de pessoas que se molhassem com a água acumulada nos tecidos” (LEI, nº 934, p. 2).

Assim, os sentidos das fogueiras simbolizavam agradecimentos pelas colheitas, servindo também como forma de proteção das plantações e da reunião de pessoas em seu entorno, sendo que para a comemoração de cada um dos três santos, os formatos das fogueiras são notavelmente diferentes com significância: as fogueiras de formato quadrado homenageiam Santo Antônio, as de formato redondo são direcionadas a São João e as de formato triangular prestam homenagem a São Pedro.

Como já era de se esperar no Brasil, a festa junina não se manteve intocável à luz das características culturais do povo que mesclou tanto as heranças portuguesas com as especificidades do território brasileiro, atribuindo elementos da cultura africana, indígena e europeia, além de ajustar essa manifestação ao campo da religiosidade popular, aos princípios católicos e às dimensões socioculturais no universo urbano.

Não tem como desconsiderar que com o passar dos anos e das transformações culturais, a festa junina passou a ser incorporada pela igreja com a atribuição ao processo de catequização, atribuindo-lhe as comemorações aos santos católicos, que são comuns vemos algumas representações deles nos arraiais Brasil a fora, o que deixa de destacar a “identidade católica, manifestada principalmente nas rezas de terço e devoção aos santos” (Pessoa, 2005, p. 25).

Além de toda a relevância da festa junina para as culturas, tradições e economia, essa tradição, conforme Chianca (2007) é resultado de uma cristianização de um rito altamente pagão que marcava a chegada do solstício de verão no hemisfério norte. Embora seja uma comemoração culturalmente pagã, São João e São Pedro são conhecidos como grandes personagens bíblicos, São João como aquele que anunciava a vinda do Salvador e São Pedro como um dos apóstolos de Jesus Cristo.

Nesse sentido, cabe ainda enfatizar que a chegada da festa junina ao Brasil remonta ao século XVI, uma vez que essas festas eram notoriamente tradições muito populares na Península Ibérica, sendo trazida às terras brasileiras pelos portugueses durante o processo de

colonização do nosso país, que além de trazer outros modos e costumes, trouxeram também as próprias tradições.

Ainda segundo as reflexões de Rangel (2008), o surgimento da quadrilha como dança teve início em Paris, mais precisamente no século XVIII, sendo uma adaptação de outros ritmos de países como a Inglaterra. Além disso, alguns estereótipos associados à dança de quadrilha como a representação do caipira de tempos longínquos colocam a festa junina como marca da cultura popular no Brasil. Nesse sentido, a inserção da quadrilha “foi introduzida no Brasil durante a Regência e fez bastante sucesso nos salões brasileiros do século XIX, principalmente no Rio de Janeiro, sede da Corte” (Rangel, 2008, p. 51).

É justamente no século XIX que a quadrilha no Brasil como dança se configurou como festa restrita e celebrações que ocorriam na corte e na aristocracia vigente no país, era estilo que se direcionava apenas às camadas privilegiadas da sociedade da época. E nos salões do Rio de Janeiro as apresentações das danças palacianas aconteciam com o mais requinte estilo, que somente depois, devido ao processo de urbanização, a quadrilha como dança foi se tornando popular na sociedade carioca e espalhando-se para outros centros urbanos do território brasileiro.

Nesse processo de expansão da quadrilha como dança, segundo Chianca (2007), no Rio de Janeiro, em Salvador e São Paulo era dançada em várias épocas do ano, sendo trazida por mestres de “orquestras de dança francesa, como Milliet e Cavalier que tocavam as músicas de Musard, o pai das quadrilhas e Tolbecque. Foi cultivada por nossos compositores, que lhe deram acentuado sabor brasileiro, a começar por calado, que as fez com acento bem carioca” (Cascardo, 1988, p. 744, grifos do autor).

E com a mudança de regime político vigente no Brasil à época do império para a república, porque o processo político republicano é feito com o povo e para o povo, a quadrilha deixa de ser dança pela burguesia, passando a recepcionar as características e as influências do povo que incrementou formas próprias de dançá-la, bem como retratá-la como parte das festividades populares.

Além das danças que demarcam a tradição junina durante as festas, sobretudo no Brasil, existe a produção de comidas típicas para o festejo em que as famílias se organizam e tentam trazer para o público as comidas da época junina, como o mingau de milho, o milho assado, a pamonha e outros pratos típicos das manifestações juninas, sendo que muitas dessas comidas são à base de milho e amendoim.

Nesse sentido, os festejos juninos no Brasil passam a ser aguardados o ano inteiro, porque envolvem diferentes grupos culturais que têm a missão de alegrar as noites juninas Brasil a fora, contudo, criticamos ainda que as festas juninas, sobretudo nas cidades interioranas, não possuem o mesmo destaque e olhar que tem sido direcionado ao carnaval, isso nos possibilita refletir e agir de maneira equacionada para todas as manifestações artísticas.

Além disso, outra questão muito comum é a caracterização de pessoas, isto é, uma espécie de caricaturização do homem caipira, vestidos de chita e calças coloridas com retalhos de tecidos, chapéus de palha, botas ou sandálias de couro. Apesar dessa caricatura produzida, reitera-se que não assim que vive o homem do campo, o caipira ou sertanejo, mas é apenas uma forma de representar o que está no imaginário das pessoas.

## O fazer performático das quadrilhas e as características do Festival Junino de Parauapebas

Parauapebas é um dos municípios que tem se mostrado como cidade promissora economicamente e de transformação em polo universitário do interior do estado do Pará por concentrar uma das maiores jazidas de minérios a céu aberto do planeta, que devido à exigência de mão de obra para o trabalho é possível encontrar na cidade pessoas de outros estados, cidades e até países que vislumbram no município a possibilidade de construir raízes e trabalhar para a própria subsistência. Considerando essa característica de um constante fluxo migratório, Parauapebas é também conhecida por títulos que demonstram a grandiosidade e importância do município, sendo reconhecido por “Cidade do minério”, “Cidade do dinheiro”, “Pebinha de açúcar”, “Cidade do Ipês”, “Eldorado paraense”, “Cidade próspera”, entre outros títulos que surgem.

Nesse sentido, apesar da visão econômica de Parauapebas, aos poucos a cidade começa a constituir a própria cena cultural, exercício que tem sido um contínuo processo de militância dos produtores culturais, entre eles os grupos de teatro amadores que existem no município, as companhias de danças, o trabalho referencial do Centro Mulheres de Barro, cuja finalidade é propor uma revisitação dos períodos históricos do município por meio do trabalho ceramista, da importância das escolas de samba, dos blocos e das inúmeras agremiações juninas que culminam na realização do Festival Junino de Parauapebas e região.

Como um processo histórico em construção, ressalta-se que em Parauapebas já havia festivais juninos, mas com outras identidades e anteriores à criação da Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas e Região (LIAJUPER), que após implementação passou a organizar o festival junino denominado Jeca Tatu no município. Nesse sentido, a escolha desse nome remete a um dos personagens da obra literária *Urupês*, editada em 1918, de autoria do escritor pré-modernista brasileiro José Bento Monteiro Lobato, a obra contém quatorze narrativas baseadas no trabalho rural paulista, em que o personagem Jeca Tatu, que realiza uma ação caricata do caipira, pela forma de vestimenta e costumes, simbolizando a situação do homem caipira sem acesso à saúde e aos direitos cívicos, abandonado pelos poderes públicos brasileiros, o que não deixa de ser uma crítica ainda atual.

Como toda organização, a LIAJUPER tem normas e regras próprias estabelecidas com a finalidade de manter a ordem e o compromisso na arte do fazer junino na cidade, evitando que haja agressões entre os brincantes das quadrilhas, promovendo um ambiente de competição respeitosa apenas nas quadras juninas, premiando com isso, as melhores agremiações de cada ano, que conta com o apoio e auxílio da Secretaria Municipal de Cultura de Parauapebas (SECULT), embora, acredite-se que o trabalho da Liga devesse ser mais destacado durante todo o ano e não somente no período das festividades juninas.

Além das questões que ainda podem ser propostas e promovidas pela Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas e Região, segundo a fala do presidente LIAJUPER no documentário *Gente que brilha* (2010), a função da Liga é fazer uma integração com os municípios vizinhos na realização das edições do Intermunicipal, tornando a grandiosidade do festival no contexto do norte do Brasil uma representatividade do município.

Nesse sentido, a pretensão de organizar o movimento de tradição junina que se fortalece a cada ano, o Festival Junino de Parauapebas e região não tem deixado de revelar as características próprias do local, tanto na forma de dançar como também na confecção das vestimentas e da comercialização das comidas típicas.

Além de já ter sido realizado o festival junino no Ginásio Poliesportivo de Parauapebas, por um longo tempo as festividades juninas a nível municipal tiveram como palco a famosa Praça de Eventos, até 2022, praça localizada no centro da cidade, em frente ao prédio da antiga Câmara de Vereadores, doravante, Sede do Museu de Parauapebas e que no ano de 2023 teve como palco e localidade a Praça dos Esportes Radicais, antiga Praça dos Metais, que durante o festival, os dias específicos para a competição entre as quadrilhas são

estruturados em um calendário específico, que além da realização do Intermunicipal com a recepção e inscrições de juninas vindas de outras partes do estado.

Um das singularidades que não podem ser omitidas na organização do Festival Junino Jeca Tatu de Parauapebas é que para cada edição são apresentadas temáticas diferenciadas, que a partir dessas temáticas escolhidas, pensam-se também a decoração e o plano das visualidades a serem promovidas na realização do festival. Além disso, outra questão é que também o festival, na maioria das vezes, conta com uma pequena cidadezinha cenográfica que rememora o contexto das manifestações tradicionais juninas, e mesmo apesar de serem poucos dias, as críticas por parte dos brincantes, organizadores das agremiações juninas e população têm sido intensificadas a cada ano.

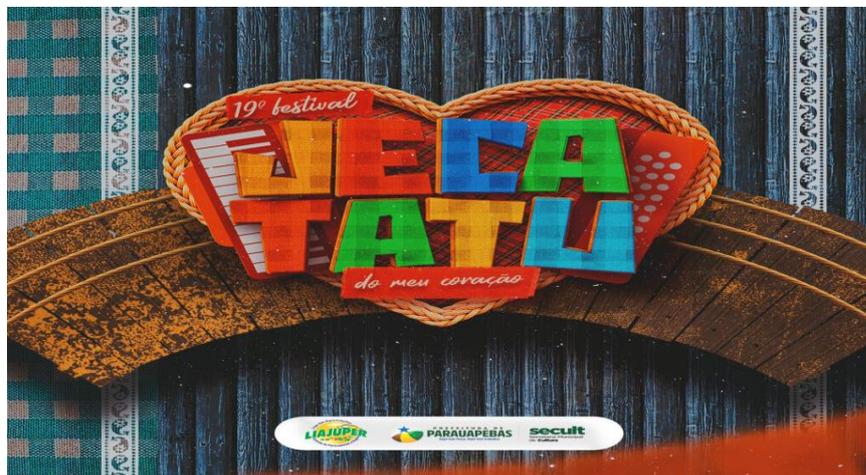


Figura 1: CARTAZ DO XIX FESTIVAL JECA TATU  
Fonte: Arquivos do Autor.

Além do plano visual e da construção da cidade cenográfica que às vezes é construída, a programação de todas as manifestações a serem demonstradas nos respectivos dias, passa a ser divulgada nos *sites* da cidade, como também no *site* da Prefeitura e como um amplo exercício didático, observaremos a seguinte programação realizada nos festejos juninos do ano de 2023.

Data	Programação
28/06 (Quarta)	Carroçada Local: Praça Faruk Salmen – Bairro Guanabara Horário: saída, às 16h30. Apresentação das quadrilhas: Os matutinhos; Explosão Junina; Arrasta Pé; Raízes de São João; Chapéu de Palha; Explosão Jovem; Explosão Caipira. Artistas: Tony Show e DJ Saimon
29/06 (Quinta)	Apresentação das quadrilhas: Dos Idosos; Arranca Toco; Flor Do Futucaí; Os Caipiras; Príncipe Da Roça; Morceguinhos Da Roça e Revelação Caipira. Artistas: Manelinho do Acordeon e DJ Natana Reis
30/06 (Sexta)	Apresentações da quadrilha de PCD, Miss Diversidade, Grupos convidados e quadrilhas juninas. Artistas: Mazinho e Dj Extreme
01/07 (Sábado)	Apresentações das quadrilhas: Águia Dourada; Coração Do Sertão; Império De São João; Estrela De Carajás; Sedução Junina; Rosa De Ouro e Explosão De Cheiro. Artistas: Vamberto, Juquinha Do Acordeon e DJ Mimoso
02/07 (Domingo)	Apresentações das quadrilhas: Cheirinho De Amor; Rei Do Cangaço; Flor Do Sertão; Espalha Palha; Fora Da Roça; Cabras Da Peste; Rabo De Palha. Artistas: Raízes Parauara, Monterinho do Acordeon e DJ Mimoso

Tabela I: PROGRAMAÇÃO DO XIX FESTIVAL JUNINO JECA TATU  
Fonte: Assessoria de Comunicação/ Prefeitura de Parauapebas, 2023.

É notório que o festival junino tem ganhado uma nova roupagem com a criação da Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas e Região, que juntamente com os membros elaboraram um estatuto, visando garantir o repasse de recursos como também a punição de dançarinos e agremiações, que porventura causem animosidades negativas nos arraiais, como confusão, desrespeito, preconceito e atitudes racistas. Além disso, vale ressaltar que talvez boa parte dos quadrilheiros não têm a noção de que o movimento junino no município tem um amplo valor e significado de cunho cultural, econômico e social.

Durante todos os anos de festival que ocorre apenas na última semana do mês de junho em Parauapebas, esse fator que não se encontra imune às críticas quanto o período de realização dos festejos juninos, que na visão das juninas e dos quadrilheiros pudesse ser ampliado para um pouco mais de uma semana, considerando que muitas juninas começam a trabalhar nos preparativos logo que o festival termina.

Uma das características que o festival junino parauapebense sempre revela é a realização de uma homenagem a grandes renomes da cultura junina, além de dividir o espaço das festividades em dois: quadra junina para as apresentações e coreto com a casa da roça, onde cantores da cidade fazem apresentações, sem omitir que na decoração da casa da roça e

do coreto são demonstrados fatos históricos da vida do homenageado de cada ano, bem como a revelação de legado que deixaram para cultura de tradição junina.

Visando a competição, a maioria das agremiações juninas de Parauapebas começa no início de cada ano os ensaios na composição das coreografias, visto que a finalidade além de encantar o público presente é também conseguir a melhor nota do corpo de jurados e a premiação para o grupo junino, pois todas as quadrilhas consideram que os avaliadores culturais direcionam avaliações para a coreografia, animação, harmonia, conjunto, figurino, tema, repertório musical, casal de noivos, marcador, tradição e inovação no trabalho de conjunto e na individualização da apresentação das misses e rainhas caipiras.

Além de todas as características próprias das agremiações juninas de Parauapebas que somente podem ser visualizadas pelos que se permitem viver o momento junino das noites parauapebenses, há também um dos destaques do Festival Junino de Parauapebas que é a realização de um grande cortejo pelas ruas da cidade, denominado carroçada, marcando a abertura do festival junino, além da competição saudável entre as agremiações juninas no município, também já faz parte do calendário junino o tão aguardado concurso Miss Mix (Concurso que demarca o lugar de visibilidade da comunidade LGBTQIAPN+<sup>2</sup>), que durante as festividades representa um grandioso espetáculo de dança, coreografias, teatralidade, performance e musicalidade.

A carroçada que percorre as principais ruas da cidade em direção à quadra junina representa um movimento artístico próprio do município, em que todos os quadrilheiros representando as próprias agremiações, utilizando-se de diferentes figurinos e personagens como: noivos, padre, o jeca, entre outros. A denominação carroçada é devido ao uso de carroças enfeitadas que adornam o cortejo festivo e ao som de músicas de São João, os brincantes vão cantando e apresentando os gritos identitários de cada quadrilha.

Além da importância da LIAJUPER para o processo de organização junino no município de Parauapebas, a entidade foi reconhecida pela Lei nº 8.896, de 11 de setembro de 2019 como utilidade pública para o estado do Pará, que no primeiro parágrafo, entende-se que “fica declarada e reconhecida como de utilidade pública para o Estado do Pará, a Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas” (Lei 8.896, parágrafo 1º).

---

<sup>2</sup> Sigla que abrange pessoas lésbicas, gays, bi, trans, queer, intersexo, assexuais/aromânticas/agênero, pan/poli, não-binárias e mais.

Assim, com a pretensão didática de apresentar a visualidade do movimento de abertura oficial das comemorações juninas em Parauapebas, revelamos o colorido, a resistência, a cultura pulsante e a tradição junina na imagem seguinte.



Figura 2: CORTEJO JUNINO DE PARAUAPEBAS

Fonte: Arquivos do Autor.

À medida que o cortejo junino passa pelas principais ruas da cidade, o público começa se mostrar para apreciar a passagem da carroçada. Nesse sentido, as quadrilhas de Parauapebas inserem-se nas categorias mirim, adolescente, juvenil e adulta, em que o colorido dos figurinos das agremiações compõe um extenso mosaico de cores e personagens que povoam o contexto da tradição junina.

O figurino simboliza o imaginário que os sujeitos adéquam na caracterização dos personagens, em que não há uma homogeneidade na composição do figurino inserido em uma proposta de variedade, sendo que o processo de produção masculina é mais fácil de harmonizar e adaptar com as proposições que se pretendem revelar, diferindo-se da composição das vestimentas femininas, exigindo um trabalho mais apurado e condessado.

Nessa perspectiva, a composição do figurino parte das intencionalidades apontadas no projeto de pesquisa temática de cada junina, em que as indumentárias contribuem com o jogo da performance nas quadras juninas, pois muito mais que vestir e compor personagens, a composição do figurino rearranja as ambivalências propositivas de comunicabilidade, demarcando a importância do lugar da pesquisa para a composição das vestimentas, adereços e cenários que compõem a arte da performance no fazer cultural junino.

À luz das performances juninas, a finalidade do figurino representa uma forma de comunicação do que os sujeitos estão por demonstrar durante o processo de espetacularização em que os diferentes figurinos desenvolvem no processo evolutivo de revelar por meio da dança um contexto histórico e cultural, que ao mesmo tempo em que as quadrilhas dançam também teatralizam a arte de rememorar costumes, tradições e olhar para as inovações em que revela o ato de criar e recriar “muitas vezes uma cenografia ambulante, um cenário trazido à escala humana e que se desloca com o autor” (Pavis, 2003, p. 164).

Ao tratar da importância do figurino para o contexto das festividades juninas, é preciso pressupor que pensar no vestuário que os personagens utilizam ao transmitirem uma mensagem de maneira espetacular coreográfica pode ser proposta por meio da evolução da dança como também pelo caráter da teatralização, transformando as cenas em contextos ambulantes, adaptados às indumentárias utilizadas, sendo necessário, portanto, pensar também nos acessórios e adereços que fazem da performance uma prática de evolução dentro da cena musicalizada nos festejos juninos.

Diante da relevância do Festival Junino Jeca Tatu de Parauapebas para a cultura local e região, houve uma indicação parlamentar por meio do Projeto Lei nº 31 de 2019, indicação da vereadora à época, Joelma Leite, em que o texto-base como seguiria como projeto para sanção do então prefeito Darci José Lermen e passaria a ser declarado Patrimônio Cultural e Imaterial de Parauapebas, dada a significância para a cena junina cultural no município, que sempre contou com a receptividade de grande público.

Ao pensar na evolução performática na composição da cena, o figurino precisa estar contextualizado com o plano da temática, mantendo sintonia da parte com o todo, já que o vestuário compõe um todo significativo na transmissão da mensagem aos espectadores que, atentamente, tentam compreender a densidade do tema referendado, bem como são inovações reveladas pelas releituras apresentadas pelos personagens.

Além disso, não há como negar que na composição de um figurino não existam diferentes signos que precisam ser notados pelo espectador, implicando que as indumentárias são muito mais que uma plasticidade da cena. Nesse sentido, o vestuário precisa ser muito bem pensado, trabalhado e coerente com a temática, já que “o olho do espectador deve observar tudo o que está depositado no figurino como portador de signos” (Pavis, 2011, p. 169).

Considerando o conjunto de signos na composição do figurino e de sua importância, as indumentárias têm a finalidade de costurar a cena, antecipando a mensagem que os personagens pretendem recriar na dinâmica da performance que traz para ações narrativas a musicalização dialogada como processo de harmonia com a elaboração de um figurino tradicional ou contemporâneo.

Além de cumprir função social, as quadrilhas juninas de Parauapebas realizam um espetáculo performático cultural que encanta o público, utilizando efeitos especiais, inovando e, ao mesmo tempo, colocando em destaque o lugar da tradição caipira, para isso, anterior à realização do festival, as agremiações organizam os próprios arraiais com a finalidade de angariar recursos para auxiliar no custeio das despesas com a composição do cenário, adereços, figurinos e viagens para as competições.

As quadrilhas juninas de Parauapebas cumprem a função performática cultural de desenvolver na quadra junina um enredo a ser contado por meio da arte da dança. Assim, os quadrilheiros envolvem-se significativamente para que o espetáculo performático se realize de maneira surpreendente para o público e para o corpo avaliativo de jurados, considerando que “o espetáculo não é o conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens” (Debord, 1997, p. 13).

Sendo assim, os grupos juninos em Parauapebas dividem-se em três estilos de modalidade de quadrilha, isto é, as formas, vestimentas e cadências nos estilos de dançar e vestir-se, sendo elas: quadrilha tradicional caipira, quadrilha estilizada e quadrilha de salão, cada uma apresentando características e abordando um tema específico que durante a apresentação tem a finalidade de desenvolver o enredo junino à luz das danças e das performances.

Nessa perspectiva, as quadrilhas juninas de Parauapebas classificadas nessas três categorias, que pela ótica das performances culturais se configuram como expressividade da cultura simbólica junina a partir de movimentos estéticos e da tradição festiva e relevante da experimentação junina revelada. Assim, as práticas das quadrilhas paraupebenses ressignificam e sistematizam um processo de criação e herança cultural que transforma o contexto citadino em um amplo mundo simbólico revelado por cada uma das quadrilhas.

Os quadrilheiros paraupebenses contribuem com a cena cultural da cidade, apresentam inovações na forma de dançar, sobretudo das quadrilhas caipiras tradicionais que retomam uma prática ritualística, uma memorização no formato de dançar dos povos

originários indígenas Xicrins do Cateté, pertencentes ao município, implicando que as performatividades juninas representam os apelos do contexto urbano na transformação e na valorização da tradição em práticas espetaculares orientadas pela dinamicidade social.

Não há como negar com isso que o trabalho das quadrilhas do município não esteja fundamentado na proposição de uma prática coletiva em que essas agremiações abrilhantam as festividades das outras, apresentando parte do espetáculo performático que culminará na realização do festival, além de promover que os bens culturais sejam entendidos como “toda a produção humana, de ordem emocional, intelectual e material, independente de sua origem, época ou aspecto formal” (Godoy, 1985, p. 72).

É necessário reiterar que em cada modalidade da dança de quadrilha em Parauapebas as características são reveladas pelos estilos de dança e vestimentas. Nesse sentido, as quadrilhas tradicionais caipiras são visivelmente destacadas pelas indumentárias que rememoram os estereótipos que se tem do homem e da mulher caipiras, utilizando vestidos de chita, tranças e pinturas faciais exageradas que mantêm proximidade com os brincantes que fazem uso de figurino de calças enfeitadas com bandeirinhas, botas e chapéu de palha.

Essa modalidade de quadrilha cumpre a função de trazer histórias engraçadas que envolvam o público, em que o ponto alto é o casamento tradicional caipira, partindo da situação da noiva que se encontra grávida e precisa com urgência de se casar para não ficar mal falada, em que os personagens do auto junino vão aparecendo ao longo da narração e da realização da dança.

Além disso, as quadrilhas tradicionais caipiras de Parauapebas revelam características que são próprias do município, que podem ser visíveis na forma como os brincantes dançam, isto é, as batidas e o arrastar dos pés fortemente no chão, lembrando um pouco as formas como os povos originários dançam, já que há uma forte influência da cultura indígena na cidade que se dar devido à presença dos indígenas Xikrins do Cateté, comunidade que faz parte do território do município, demarcando que a forma como os grupos tradicionais caipiras dançam, seja talvez a introdução de um elemento que somente tem na região Norte do Brasil, diferenciando-se das demais regiões do país, sobretudo, do Nordeste brasileiro.



Figura 3: QUADRILHA TRADICIONAL CAIPIRA  
Fonte: Arquivos do Autor.

Isso pressupõe reiterar que a festa junina no Norte do Brasil ganha características indígenas que além de interessantes, ampliam a tradição junina na região, sobretudo em Parauapebas. Nesse sentido, a compreensão de que Parauapebas por ser uma cidade que desenvolve a dança de quadrilhas com estilos próprios, as caipiras, revela também que a arte quadrilheira se torne de fato uma síntese da cultura brasileira enriquecida pela formação da identidade do povo, que traz formas próprias, religiosidades, costumeiras e culturais para o contexto da dança.

Além das quadrilhas tradicionais caipiras e como um processo de evolução, as estilizadas diferenciam-se daquelas a começar pelos estilos de dançar, pela elaboração do figurino e pela produção de cenários para a teatralização nas noites juninas de Parauapebas. Há com isso um grande investimento por parte dos brincantes na confecção das vestimentas, na produção dos cenários à luz da temática desenvolvida na quadra junina, que também tem como ponto alto o casamento, mas de maneira mais atualizada e diferente da prática da dança tradicional caipira.



Figura 4: QUADRILHA ESTILIZADA  
Fonte: Arquivos do Autor.

Já as quadrilhas de salão, sem sombra de dúvidas, são um espetáculo à parte. Nelas, tudo é diferente dos estilos anteriores, a começar pelas vestimentas que são bem mais trabalhadas para imprimir no festival um reflexo de uma temática que é trabalhada minuciosamente, ou seja, as indumentárias são mais luxuosas e temáticas, desenhadas para um corpo de balé em que o conjunto das coreografias tematizam constantemente o tema pesquisado.

Nesse sentido, nas agremiações juninas dessa modalidade há a presença dos seguintes destaques, como: *miss caipira*, *miss mulata*, *miss caipira*, *miss mix*, casal de destaque, noivos e marcador, este determina a mudança de passos, orienta a sincronia na dança e anuncia aos jurados os itinerários que coreografias redesenharão a continuidade da temática por meio da dança.

É nessa perspectiva que o figurino das quadrilhas de salão também representa uma singularidade à parte e considerando a temática que se desenvolve durante a dança. Nesse quesito, as agremiações de salão diferem-se das demais pelo bailado e por ser uma quadrilha mais temática que vai abordando o tema com a evolução da dança, isto é, apresenta uma consistência sobre o tema do início ao fim da apresentação.



Figura 5: QUADRILHA DE SALÃO  
Fonte: Arquivos do Autor.

Nessa concepção, cabe dizer também que a primeira quadrilha de salão do município foi a agremiação Rosa de Ouro, fundada na década de 1990, que à época eram realizadas seletivas de brincantes para compor o corpo de dançarino do grupo junino. Além da quadrilha Rosa de Ouro, outras fortalecem a modalidade no município como as agremiações: Explosão Jovem, Esplendor Junino, Explosão de Cheiro, Raízes do São João, Fúria Junina, Sedução Junina, Paixão Junina e Estrela de Carajás, algumas delas desativadas, outras em constante trabalho que em comparação com as quadrilhas caipiras e estilizadas, ainda representam um número pequeno, devido a disponibilidade de brincantes para a modalidade junina.

Cabe ressaltar ainda que das agremiações juninas na modalidade salão, a quadrilha Explosão Jovem por muito tempo tivera o próprio ateliê, localizado no bairro Primavera, mantendo parceria com a Escola de Samba Acadêmicos Unidos do Primavera em que é necessário destacar também a relevância do presidente, estilista e marcador da agremiação que organizava com os próprios brincantes as comissões para a elaboração dos próprios adereços, acessórios, cenários e figurinos, sendo que a presidência também assumira a função de carnavalesco da Unidos do Primavera e fundaria, posteriormente, a Escola de Samba Unidos do Tropical. E ele como presidente cumpria uma função autodidata que os outros grupos juninos da cidade não tinham.

O envolvimento das agremiações ocorre de maneira tão comprometida que as quadrilhas de salão organizam até coquetéis de lançamento da temática e apresentação do casal de noivos, misses e casal destaque, o que já demarca o espaço para angariar recursos com a finalidade de custear os investimentos na elaboração do figurino, na produção de adereços e

acessórios, na composição do cenário e na contratação de coreógrafos que têm a incumbência de trazer inovações ao bailado junino temático.

O corpo de brincantes que compõe as quadrilhas nas diferentes modalidades realizadas na cidade de Parauapebas se chama quadrilheiros como em outras partes do país. Nesse sentido, o quadrilheiro não tem a função apenas de ensaiar, dançar quadrilha e participar dos arraiais e festivais competitivos promovidos também pelas próprias agremiações, além do festival municipal, os brincantes doam-se e vestem a camisa da própria quadrilha, sendo que o “quadrilheiro não **dança** quadrilha, **vive** quadrilha, em toda a sorte de relações e sentimentos intrínsecos a essa vivência” (Menezes Neto, 2009, p. 156, grifos do autor).

Além de viver a quadrilha, os quadrilheiros de Parauapebas respiram a estética da festa junina durante os meses que antecedem o festival no município, visto que é comum visualizar em vários pontos da cidade grupos atentos à memorização dos passos que são ensinados pelos coreógrafos à luz da temática selecionada para a apresentação no festival municipal e ao viverem a própria quadrilha, os brincantes organizam eventos para angariar recursos financeiros que corroborem com a construção das próprias indumentárias, além de contar com uma parte de incentivo da Secretaria Municipal de Cultura de Parauapebas, apesar de ser um valor irrisório para algumas modalidades, auxilia na montagem do espetáculo junino.

Apesar de todos os desafios que os processos artísticos encontram no país, as quadrilhas de Parauapebas não estão imunes a essas problemáticas, muitas vezes, os quadrilheiros tiram dinheiro do próprio bolso para ver a agremiação no terreiro junino, além de cumprir uma função mercadológica no município, as quadrilhas movimentam o comércio local, que ainda não está totalmente preparado para a grandiosidade das festividades juninas. E no sentido de angariar recursos financeiros, os grupos juninos realizam feijoadas, bingos, rifas e contam com o patrocínio de pouquíssimos empresários e políticos do município.

As quadrilhas se organizam, elegem diretorias, participam de reuniões e para quem pensa que as agremiações juninas de Parauapebas representam apenas frutos de pessoas em completa desorganização, enganam-se. Existe, inclusive, nelas uma lista de chamada que registra a presença e a ausência dos quadrilheiros durante os ensaios e aqueles que ultrapassam um número aceitável de ausência, automaticamente está fora da agremiação e da competição do pretendido período junino.

As maiores dificuldades financeiras são encontradas pelas agremiações juninas da modalidade salão, pois o figurino delas é de custo altíssimo, algumas delas importam figurinos de outras quadrilhas que estejam assemelhados à temática desenvolvida pelo grupo, outras fazem o maior esforço e produzem as próprias vestimentas, sendo que boa parte delas são produzidas em outras cidades e estados, uma vez que os atelieres locais ainda não, porque ainda não se tornou um nicho, como também a criação desses figurinos exige mão de obra especializada, talvez por isso não despertaram para atender a necessidade de produção de figurino das quadrilhas de salão.

Mesmo diante das dificuldades que as agremiações juninas de Parauapebas encontram para levar à quadra junina o melhor da performance, as quadrilhas investem na produção das cenografias, produzindo cenários grandiosos que com o desenvolvimento da teatralização junina, a cenografia muda conforme o acontecimento da dança no contexto das apresentações, revelando ao público as grandes estruturas e os inesperados efeitos especiais.

O mercado cultural de Parauapebas não é flexível e sujeito às demandas apresentadas pelas quadrilhas, sobretudo, as de modalidade salão. O contexto mercadológico parauapebense atende mais as agremiações tradicionais caipiras, em que a grande característica dos figurinos são o redesenho de vestimentas de chita, implicando que celebrar o São João pressupõe compartilhar sociabilidades de que a “festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros” (Amaral, 1998, p. 52).

Diante de todos os percalços encontrados pelas agremiações juninas de salão, o fazer junino não deixa de acontecer, já que a paixão pela tradição cultural de São João é maior que qualquer empecilho. Nessa perspectiva, cada uma das modalidades de quadrilhas de Parauapebas organiza a própria coordenação de maneira diferente, já os grupos juninos de salão estruturam a diretoria da quadrilha da seguinte forma: presidente, vice-presidente, secretários, tesoureiros, coordenador de coreografias e adereços, coordenador de destaques, coordenador de ensaio, diretor de espetáculo, artista plástico, diretoria de recursos, diretor de pesquisa de tema, diretor de *marketing*, coreógrafo e apoio geral.

O fazer junino parauapebense é construído de ações conjuntas entre a Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas e Região e as agremiações que juntas promovem ações criando, recriando e ressignificando as caracterizações juninas do município. É preciso reconhecer, ainda, que todos os quadrilheiros da cidade são fazedores de cultura junina, pois

emprestam tempo, esforço, trabalho e coletividade para revelar o melhor de cada agremiação nas noites juninas do município, que além da arena junina, há a organização de um coreto e uma casa da roça, em que povoam os personagens caipiras de atores, apresentando os estereótipos da família caipira que também representam uma característica à parte e própria do festival.

Impossível é não reconhecer que as quadrilhas juninas de Parauapebas não inscrevem no contexto cultural junino as características que são próprias do município e por haver influências dos povos originários indígenas na forma como dançam, batendo fortemente os pés no chão e trazidas para as danças das agremiações tradicionais caipiras, o contexto festivo e cultural da tradição junina na cidade realinha que as modificações festeiras parauapebenses são contínuos e se reinventam a cada ano.

Assim, as festividades falam de temas variados desde literatura infantil, problemas sociais, danças culturais e religiosidade, além de referendar que “as celebrações festivas ligadas à religiosidade também foram urbanizadas em moldes de eventos grandiosos com emprego de tecnologia, padrões de consumo, exploração promocional e mercantil de apropriação política partidária” (Nóbrega, 2010, p. 27).

Muito além de ser apenas um evento festivo, as festas juninas não representam apenas um discurso de reconhecimento das tradições juninas, como também revelam críticas sociais sobre a condição humana, levando-nos a compreender que o papel da arte perpassa também pela promoção reflexiva e de provocação, além de servir como visão turística, midiática, estética e mercadológica, implicando à tradição junina um fazer artístico e complexo capaz de envolver as condições de vida e a existência do ser humano com o planeta.

Não há como negar com isso, que as festas juninas não contribuem com o enaltecimento das culturas e do comércio local, que não ocorre de maneira diferente em Parauapebas, pressupondo que as reminiscências da cultura popular junina partem das possibilidades de participação, apreciação e consumo cultural do fazer junino. Outra questão que merece ainda ser destacada é que o festival junino parauapebense no mínimo de período de realização de uma semana não é capaz de reconhecer os esforços empreendidos pelos quadrilheiros, essa fugacidade comemorativa pela grandiosidade do festival tem sido motivo de críticas por parte das agremiações juninas do município.

É preciso que os gestores olhem com mais valorização para as festividades juninas de Parauapebas, ampliando as noites de festival e não apenas cumprindo um período curto para

que a cultura junina seja vista, não como uma passagem de uma data no calendário, mas como marca própria dos esforços empreendidos pelas agremiações e pelos quadrilheiros.

Além das características do processo de produção da cultura junina em Parauapebas, vale ressaltar que os ensaios das quadrilhas não estão centrados em um único bairro da cidade, a prática na aprendizagem das coreografias centra-se nos bairros periféricos como forma oferecer arte às populações da juventude que ficam à margem das políticas culturais no município, como também no centro da cidade, sobretudo, nas praças como lugar de encontros, encantos e aprendizagens.

A arte de festejar a cultura junina em Parauapebas na contemporaneidade significa conhecer as influências que os diferentes cidadãos que compõem o município de como a cena cultural parauapebense está sendo construída, já que cada um traz um pouco do próprio saber cultural para constituição da cultura junina realizada na cidade, sem omitir as peculiaridades que agremiação trazem para o espetáculo junino.

Os quadrilheiros de Parauapebas são os principais responsáveis por permitir que a cena cultural junina no município ganhe notoriedade, contudo, é necessário que haja políticas culturais para o movimento na cidade, pois além de emprestarem os corpos, ritmos e danças, estabelecem e representam as estéticas como sujeitos fazedores de cultura, requerendo das circunstâncias político-administrativas um espaço específico para espetacularização da tradição junina.

O fazer performático das agremiações juninas de Parauapebas assimila os elementos comuns à dança e ao teatro, sobretudo das quadrilhas caipiras, que relatam de maneira engraçada e inovadora o casamento tradicional caipira, ponto alto da dança, uma vez que a arte de dançar a quadrilha nada mais é do que a comemoração de um casamento que teve a sua concretização conturbada, expressando fatos do cotidiano na dança teatralizada das coreografias compostas.

A compreensão do fazer junino parauapebense ancora a militância de trabalho com as quadrilhas juninas revelando aspectos que constituem a pesquisa e dança, refletindo e entendendo como a cultura junina de Parauapebas se organiza na revelação das simbioses culturais tradicionais e contemporâneas, destacando que o bailado das quadrilhas de salão demarcam lugar com a agitação das agremiações estilizadas e com a especificidade de dançar das quadrilhas tradicionais caipiras, que rememoram parte da dança dos povos indígenas pertencente ao município.

## Considerações finais

Ciente de que este estudo desde o plano de composição de seu espaço reflexivo seria insuficiente para abordar a temática tradicional da cultura junina e a descrição de cada uma das quadrilhas de Parauapebas, o que nos levar a acreditar ser possível abrir espaço para que outras incursões possam ser realizadas e analisadas sobre o fazer cultural performático junino no município.

A pretensão destas reflexões nunca foi esmiuçar o estilo de cada uma das agremiações juninas parauapebenses, revelando a partir do plano das visualidades como cada uma delas se trajavam, apenas propor uma discussão que colocasse em destaque a importância que as quadrilhas têm na composição da cena performática junina da tradição cultural de Parauapebas, além de documentar para as outras gerações as especificidades juninas do município.

E Parauapebas por ser uma cidade construída no multiculturalismo da diversidade de seu povo, demarca no cenário nacional as características próprias das agremiações juninas, desde as formas que estruturam o bailado quanto na composição de figurinos capazes de recriar as cenas performáticas de contextos tradicionais à luz das inovações contemporâneas.

Durante as reflexões apresentamos a importância que a Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas e Região tem para o fortalecimento do movimento artístico-cultural junino na cidade, bem como um estilo próprio de dançar das quadrilhas tradicionais caipiras, revelando que o início de concretização no município começa com o cortejo da carroçada.

Apesar das características do festival junino parauapebense, os quadrilheiros não deixam de exigir que o período das festividades se torne mais amplo, visto que é muito trabalho de coordenação e brincantes para apenas representar toda a performatividade em uma única noite de festival.

Assim, estas discussões cumprem a finalidade de documentar para as gerações do presente e as futuras como o Festival Junino de Parauapebas vem mudando com o tempo, além de servir como fonte de pesquisa para que outros trabalhos na perspectiva da cultura local junina possam ser produzidos, reinventados, lidos e servirem como propostas de ampliação das políticas culturais aos fazedores de cultura no município.

## Referências

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”**. Tese Doutorado em Antropologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <https://www.teses.usp.br>. Acesso em: 08 dez. 2022.

BARBALHO, Helder. **Lei 8.896, de 11 de setembro de 2019. Declara e reconhece como de utilidade pública para o Estado do Pará, a Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas**. Belém, Palácio do Governador, 11 de setembro de 2019. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pa/lei-ordinaria-n-8896-2019-para-declara-e-reconhece-como-de-utilidade-publica-para-o-estado-do-para-a-liga-das-agremiacoes-juninas-de-parauapebas-liajup>. Acesso em: 09 dez. 2023.

BRAGA, Carlos; RIBEIRO, Alberto. **O balão vai subindo**. Interpretação de Mario Zan. Gravadora: Chantecler, Catálogo: CMG 2109, gravado em 1961. Disponível em: <https://immub.org/album/o-balao-vai-subindo-mario-zan-sua-bandinha-e-coro>. Acesso em: 09 dez. 2023.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Edusp, 1988.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, Goiânia: UFG, v. 10, n. 1, p. 45-59, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br>. Acesso em: 02 dez. 2022.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOCUMENTÁRIO. **Gente que brilha**. HD Produções. Secretaria Municipal de Cultura. Liga das Agremiações Juninas de Parauapebas e Região - LIAJUPR. Labirinto Cinema Clube. Roteiro, direção e montagem Ivan Oliveira e Edinan Costa. Realização HG Produções. Parauapebas – PA, junho de 2010. Disponível em: <https://youtube.com>. Acesso em: 09 dez. 2022.

GODOY, Maria do Carmo. Patrimônio cultural: conceituação e subsídios para uma política. Encontro Estadual de História (nº 4). **ANAIS de História e Historiografia em Minas Gerais**, Belo Horizonte: ANPUH/MG, 1985.

JORGE, Marcos do Amaral. **Olhar histórico revela origens dos elementos tradicionais das festas juninas**. *Jornal da Unesp: Reportagem*. Editora Unesp, 2023. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/06/28/olhar-historico-revela-origens-dos-elementos-tradicionais-das-festas-juninas/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

LOBATO, Monteiro. **Urupês: com pinturas do autor**. São Paulo: Lafonte, 2019.

MENEZES NETO, Hugo. **O balancê no arraial da capital: quadrilha e tradição no São João de Recife**. 1ª ed. Recife – PE: UFPE, 2009.

MITIDIERI, Fábio. Projeto Lei nº 943, de 2019. *Reconhece as Festas Juninas como manifestação da cultura nacional*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=54EA060B304B203C9CD6CC5A167861AF.proposicoesWebExterno2?codteor=1722600&filename=Avulso+-PL+943/2019](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=54EA060B304B203C9CD6CC5A167861AF.proposicoesWebExterno2?codteor=1722600&filename=Avulso+-PL+943/2019). Acesso em: 09 dez. 2023.

NÓBREGA, Zulmira. *A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande*. Tese de Doutorado em Cultura e Sociedade, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, 2010. Disponível em: <https://www.repositorio.ufba.br>. Acesso em: 02 dez. 2022.

PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos*. Trad. Sérgio Sálvia. Direção: Guinsburg J. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. Guinsburg e Pereira. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: UCG: Kelps, 2005.

PROGRAMAÇÃO DO XIX FESTIVAL JUNINO JECA TATU. Assessoria de Comunicação/ Prefeitura de Parauapebas. Parauapebas – PA, 2023. Disponível em: <https://acontecepara.com.br/jeca-tatu-comeca-hoje-28-de-junho-e-vai-ate-o-dia-2-de-julhona-praca-dos-metais/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. *Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história*. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

Artigo recebido em 25/06/2023 e aprovado em 21/12/2023.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v4i02.49351>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

---

<sup>i</sup> Ivan Vale de Sousa - Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Crítico teatral. [ivan.valle.de.sousa@gmail.com](mailto:ivan.valle.de.sousa@gmail.com) .

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0041066401336527>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7244-2823>

<sup>ii</sup> This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

